8 | Valor | Sexta-feira, 29 de novembro de 2024

EU&

Sarau ampliado

Entretenimento Raul Corrêa da Silva sempre promoveu encontros musicais em sua casa; agora os faz no Fino da Bossa. Por *Darlene Dalto*, para o Valor, de São Paulo



Raul Corrêa da Silva: "Fiz o Fino da Bossa para quem respeita e quer ouvir o artista"

Durante o dia, Raul Corrêa da Silva comanda a BDO, empresa de auditoria que possui 28 filiais e 2.100 profissionais espalhados pelo Brasil. À noite, ele se ocupa especialmente do Fino da Bossa, uma casa de shows, em Pinheiros, que normalmente privilegia artistas em começo de carreira. Trata-se de uma homenagem à música popular brasileira. Silva é também um profundo conhecedor da história da MPB e colecionador: possui uma discoteca com mais de 8 mil discos de vinil, CDs, fitas cassete e fitas de rolo, tudo minuciosamente organizado.

Nos anos 80, ele e sua mulher Vera promoviam animados saraus em sua casa. A cada dois ou três meses reuniam em torno de 20 amigos para ouvir boa música e poesia. A ideia de montar o Fino da Bossa nasceu assim que eles pararam de organizar esses saraus. Os filhos tinham saído de casa. "Eu sempre gostei de música. Recebi nomes importantes como Zé Rodrix, Sá & Guarabyra, Tavito, Mona Gadelha, Carlinhos Vergueiro. Quando Tico Terpins morreu, Zé Rodrix tocou no piano a música que tinha feito para ele", lembra.

Vera sugeriu que o marido transferisse os saraus para um espaço vazio que tinha em sua galeria de arte. Talvez eles pudessem fazer ali algo menor. Silva concordou. O espaço precisava de uma boa reforma. Ele contratou a arquiteta Carolina Ciola Fonseca, que havia feito os Blue Note de São Paulo e do Rio, duas casas de jazz, cuja matriz fica em Nova York. Na hora de escolher o nome, começou uma lista: Bossa Bar, Bossa Jazz... Não demorou para pensar em Fino da Bossa, nome de um programa comandado por Elis Regina e Jair Rodrigues na TV Record, que fez muito sucesso nos anos 60. Por sorte, ele não estava registrado. "É um nome histórico e tem tudo a ver com a casa", diz.

O ambiente é intimista, são apenas 40 lugares, um bar e o palco bem próximo ao público. No centro, um piano Steinway 1907. Há bons petiscos para quem quiser beliscar e uma carta com drinques clássicos. Detalhe: cada drinque vem com um chorinho caprichado, ideia que Silva trouxe do Carlyle de Nova York, um dos seus bares preferidos. Anexo ao salão principal há uma espécie de jardim com um telão, que projeta o show. Os shows, aliás, também podem ser acompanhados online, ao vivo, através do canal que a casa possui no YouTube. São quase 400 vídeos à disposição até o momento.

A inauguração do Fino da Bossa aconteceu no fim de 2021, com show de Ana Cañas. Depois se apresentaram Wanderléa, Claudia, Kate Lyra e Bruna Karam, entre outros. Inicialmente seriam apenas dois shows por semana, na quarta e na quinta-feira. Hoje são em geral quatro; três, às vezes. A programação está na página do Instagram da casa. "Fagner tem uma música que fala sobre cantar para quem não quer me ouvir. Eu fiz o Fino da Bossa para quem respeita e quer ouvir o artista", resume. Quando a casa não abre para os shows, abre para eventos particulares.

Esse encantamento com a música brasileira começou cedo. Adolescente, nos fins de semana Silva acompanhava o pai, diretor de um clube do litoral sul de São Paulo, responsável pela contratação dos artistas que fariam shows para os associados. "Eu tinha 12, 13 anos. Meu pai sempre me apresentava canções daquela época. Com ele conheci Lenny Everson, Orlando Silva, Ângela Maria, Isaurinha Garcia, grandes intérpretes", conta.

No início dos anos 70, Silva começou a frequentar o Festival Internacional da Canção e ali conheceu Simone, Walter Franco, Secos & Molhados, Maria Alcina, Ednardo... Dos festivais, passou para os shows desses artistas, muitas vezes para pouquíssimas pessoas. No final, ia aos camarins, fazia amizade. Quando começou a organizar os saraus, não demorou para convidá-los.

Além de artistas nacionais, o empresário recebeu em sua casa o cantor e pianista americano Steve Ross, que costumava tocar no 150 Night Club, do hotel Maksoud Plaza. Anos depois, no Baretto, ele reviu o artista, esperou o show terminar, se apresentou e mencionou o antigo clube de jazz. Conversa vai, conversa vem, Ross lhe perguntou se ele conhecia Noel Rosa, porque estava estudando o compositor brasileiro. Foi a deixa. "A noite acabou na minha discoteca. Ele foi embora umas 4 da manhã."

Apesar dessa proximidade com a música, ele não canta nem toca instrumentos. "Minha irmã Sonia Maria tocava acordeão. Minhas irmãs gêmeas, Sandra e Sueli, estudaram piano. Eu nunca consegui. Tentei violão, mas logo as aulas se transformavam em conversas sobre MPB. Não dava certo", lembra, rindo. E completa: "Mais tarde, conheci Belchior. Ele gostava de tocar uma guitarra imaginária, eu comecei a imitar e só aí descobri que sou canhoto para tocar".

Silva conta que a última apresentação em público de Belchior, antes de abandonar a carreira e desaparecer, foi em sua casa. Era 2007. Essa amizade, de alguma forma, se mantém ainda hoje. Ele fez de Belchior o patrono do Fino da Bossa e em cada show há sempre uma homenagem ao cantor e compositor cearense, autor de "Como Nossos Pais" e "Apenas um Rapaz Latino-americano". Os artistas apresentam uma de suas canções.

Em dezembro o Fino da Bossa completa três anos. Além da casa de shows e da BDO, Silva é um dos sócios do Cantaloup, tradicional restaurante de gastronomia internacional, no Itaim Bibi, e do bar Loup, no Jardim Paulistano. Ano que vem, em março, ele inaugura uma filial do Cantaloup em Lisboa. ■